

Sucedee, porém, advertiu Marx, que a dicotomia Estado/sociedade civil, levada ao paroxismo na civilização burguesa pelo efeito da simplificação da luta de classes, já prenuncia o seu desaparecimento. Os servos da atualidade foram reduzidos, por força do sistema capitalista, a uma única e colossal classe: o proletariado. É ela que, libertando-se a si mesma da dominação burguesa, acabará por destruir a última manifestação histórica da divisão da sociedade em classes, inaugurando-se então, propriamente, o fim da História.

Para anunciar esse final dos tempos, Marx assume o estilo profético dos primeiros cristãos, que viviam na esperança da volta de Jesus Cristo ao mundo como o Messias Salvador. Tal como o Nazareno, o proletariado carrega presentemente, em nome da humanidade, todo o peso do pecado na forma da exploração capitalista. Ele encarna a suprema perdição do homem antigo, condição necessária para que, mediante o batismo da revolução, venha à luz a plenitude do homem novo. O proletariado é essa classe, “cujos *grilhões* são *radicais*”, uma classe da sociedade burguesa, que é a negação de todas as classes dessa sociedade, “uma categoria social que é a dissolução de todas as categorias sociais, uma esfera que possui um caráter universal pelos seus sofrimentos universais, e que não reivindica um *direito particular*, porque a injustiça perpetrada contra ela não é uma *injustiça particular*, mas sim a *injustiça absoluta*”.<sup>30</sup>

### 3. A IMPORTÂNCIA DA ACUMULAÇÃO DO SABER TECNOLÓGICO

Uma das idéias mais fecundas de Karl Marx para explicar a vida social e o curso da História foi, sem dúvida, a da importância capital (é bem o caso de dizer) do uso do saber tecnológico.

O *Manifesto Comunista* mostrou, em parágrafos famosos, como a burguesia, ao desenvolver incessantemente a técnica de produção em benefício das suas empresas, transforma o mundo material e revoluciona a sociedade. Em lugar do antigo modo de produção feudal e corporativo, a classe burguesa criou a manufatura, que reunia, num mesmo local concentrado de produção, a mão-de-obra que antes trabalhava dispersa em pequenos núcleos, familiares ou corporativos. A

30. Zur Kritik der Hegelschen Rechtsphilosophie, Einleitung, in Karl Marx, Friedrich Engels Werke, op. cit. vol. 1, p. 390.

seguir, com a invenção do maquinismo moderno, substituiu as manufaturas pela grande fábrica industrial, cuja produção em escala crescente exigiu a ampliação do mercado consumidor de seus produtos, da comuna para a província, desta para a nação, e finalmente, mediante a política imperialista, do conjunto das nações industriais ao mundo todo, com a constituição de um autêntico mercado globalizado, que o *Manifesto* denomina "mercado cosmopolita".

Comisso, a burguesia desempenhou, efetivamente, na história moderna, "um papel altamente revolucionário". Nos países afetados pelo que se veio a chamar, mais tarde, Revolução Industrial, em pouco mais de um século toda a estrutura social foi transformada, e a "superestrutura ideológica" — a qual, na visão marxista, compreende não só o ideário, mas também o conjunto das instituições jurídico-políticas — foi inteiramente renovada. Na passagem do século xx ao século xxi, o modo de vida burguês-capitalista torna-se a regra mundial, e os países onde ele ainda não vingou desenvolvem uma luta de retaguarda para evitar a capitulação diante da formidável estrutura de dominação imperial.

Ora, tudo isso foi conseguido graças à utilização em larga escala, pelo burguês empresário, do saber tecnológico. Ao aceitar a idéia central de Adam Smith de que é o trabalho que cria a riqueza, Marx soube perceber que o valor econômico pode também ser criado pelo trabalho intelectual, pela tecnologia. Nos *Grundrisse für eine Kritik der politischen Ökonomie*,<sup>31</sup> observou que "à medida que a grande indústria se desenvolve, a criação da verdadeira riqueza depende menos do tempo e da quantidade de trabalho empregado do que da ação de fatores postos em movimento no curso do trabalho, e cuja poderosa eficácia é incomensuravelmente maior que o tempo de trabalho imediato que custa a produção; ela [a criação da riqueza] depende muito mais do estado geral da ciência e do progresso tecnológico, que é uma aplicação da ciência à produção".

Toda a essência da Revolução Industrial se encontra nesse fato histórico, e é justamente pelo fraco desenvolvimento da tecnologia aplicada à atividade agrícola que Marx explicava o grande atraso da agricultura em relação à indústria no seu tempo.<sup>32</sup>

Ao anunciar, desde meados do século xix, o fenômeno da assim chamada glo-

31. Cf. *Karl Marx, Friedrich Engels Werke*, op. cit., vol. 42. Trata-se de um conjunto alentado de notas redigidas por Marx, entre 1857 e 1858, para servir como elementos de base (daí a palavra alemã com que essa obra é conhecida, *Grundrisse*) para uma crítica da economia política. Sua publicação deu-se apenas em 1939, por iniciativa do Instituto do Marxismo-Leninismo de Moscou.

32. *O Capital*, livro III, 6ª seção, cap. xxii, in *Karl Marx, Friedrich Engels Werke*, cit., vol. 25, pp. 706 e ss.

balização, ele anteviu que a apropriação do saber tecnológico pelo empresário capitalista é o grande fator de concentração de poder em suas mãos, poder que, ao criar um mercado mundial, transforma o conjunto das relações e instituições sociais nos quatro cantos da Terra. A tecnologia criou a era da incerteza e da instabilidade universal, com a rápida dissipação de tudo o que é estável e permanente.<sup>33</sup>

É verdade que, na época de Marx, os empresários industriais ainda não se haviam lançado no campo do investimento tecnológico. Daí observar ele que “a lei do desvio da agulha magnética no campo de ação de uma corrente elétrica, ou a lei relativa à produção do magnetismo do ferro em torno do qual circula uma corrente elétrica nada custam, uma vez descobertas”. E acrescenta: “Uma outra força produtiva, que nada custa ao capitalista é o poder da ciência (*scientific power*, no original), o que não o impede de explorá-lo. A ciência alheia é incorporada ao capital, do mesmo modo que o trabalho alheio”.<sup>34</sup> Mas a partir do momento em que, em fins do século XIX, os empresários capitalistas se deram conta da importância econômica da ciência aplicada para a criação de vantagens competitivas, o investimento em pesquisa tecnológica tornou-se prioritário na grande empresa industrial. As empresas passaram a contratar com frequência os serviços profissionais de cientistas e técnicos e a criar laboratórios industriais, e os resultados assim obtidos, em termos de invenção de novos produtos ou novos processos de fabricação, foram regularmente protegidos por patentes, cujo âmbito de aplicação, graças à criação de organismos internacionais, como a Organização Mundial da Propriedade Intelectual e a Organização Mundial do Comércio, passou a abranger o mundo todo.

A grande *trouvaille* do empresário capitalista foi, sem dúvida, perceber, muito cedo, que a sua principal arma para a conquista dos mercados e do próprio poder político era a apropriação e o desenvolvimento incessante da tecnologia, reconhecida como o principal fator de produção de bens e de modelagem da opinião pública, pela dominação dos meios de comunicação de massa. De que serviam, com efeito, os grandes latifúndios, ou a acumulação mercantilista de metais preciosos, sem os meios técnicos para fazê-los frutificar? Da mesma sorte, com o surgimento da sociedade de massas, na qual as relações sociais são crescentemente impessoais, percebeu-se que a tecnologia da comunicação coletiva, sobretudo a partir do desenvolvimento da eletrônica, abria espaço a uma verdadeira indústria da manipulação da opinião

33. A afirmação famosa do Manifesto Comunista: “Alles Ständische und Stehende verdampft”.

34. Grundrisse, in Karl Marx, Friedrich Engels Werke, t. 42, cit., p. 657.

pública, pelo controle dos meios de comunicação de massa. Com isso, as relações de exercício do poder político passaram a ser estruturadas segundo os critérios empresariais de eficácia e de custo-benefício, muito semelhantes àqueles empregados na produção de bens (a chamada "política de resultados").

Ou seja, o capitalismo desumaniza o homem, na sua dupla condição de animal racional. Pela exploração do trabalho físico e intelectual, ele reserva ao empresário capitalista uma parte do valor da riqueza criada pelo trabalhador como *animal laborans* (a produção da mais-valia, como meio de acumulação do capital). Pela criação de uma mentalidade coletiva composta de idéias pré-fabricadas (a produção metódica de uma superestrutura ideológica e normativa), ele impede os homens de exercer, como seres racionais, um juízo crítico sobre a organização da sociedade em que vivem.

#### 4. O ANÚNCIO DA LIBERTAÇÃO DEFINITIVA DO HOMEM

A crítica desenvolvida por Marx das condições de vida em sociedade, como se percebe, atribuiu um papel decisivo ao fenômeno da dominação de classe, e assinalou numa ampla perspectiva histórica, que o desenvolvimento da sociedade capitalista dirigir-se-ia, agonicamente, para o confronto final entre a burguesia e o proletariado. Chegaríamos com isto, então, ao ponto terminal do velho mundo, entraríamos naquela fase histórica de aflição universal, nos trabalhos de parto de uma nova humanidade, livre de toda exploração e aviltamento.

A perspectiva escatológica da teoria marxista assume, neste ponto, um caráter tipicamente apocalíptico, no sentido original e pleno da palavra: é a revelação de um futuro exaltante, mas brumoso, cujos contornos não se deixam apreender com nitidez.

Com efeito, no tocante à estrutura e às características essenciais desse mundo novo, a ser engendrado pela vitória final do proletariado sobre a burguesia, as indicações que Marx nos deixou foram muito escassas. Elas se encontram, sobretudo, no *Manifesto Comunista*,<sup>35</sup> com alguns poucos acréscimos e correções, aduzidos pelas suas reflexões sobre o golpe de Estado de Luís Napoleão Bonaparte, em 1851, a experiência revolucionária da Comuna de Paris, em 1871,<sup>36</sup> e as considerações

35. Como sabido, Engels em duas ocasiões, antes e depois da morte de seu amigo, reconheceu que o *Manifesto Comunista* havia sido redigido tão-só por Marx.

36. *Bürgerkrieg in Frankreich*, in *Karl Marx, Friedrich Engels Werke*, cit., vol. 19, p. 28.